



OLIVEIRA, Thiago Laurentino de. **A construção de transferência em dados do português brasileiro.** *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.* Volume 16, Dezembro 2014. [<http://www.revistadiadorim.lettras.ufrj.br>]

<https://doi.org/10.35520/diadorim.2014.v16n0a4026>

A CONSTRUÇÃO DE TRANSFERÊNCIA EM DADOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Thiago Laurentino de Oliveira¹

RESUMO

Este artigo discute sobre o estatuto da construção de transferência no português brasileiro. Particularmente, analisa-se a ocorrência dos verbos *cozinhar*, *fritar*, *desenhar*, *pintar*, *cantar* e *dançar*, considerados transitivos, nesse tipo de construção. Os dados extraídos de textos disponíveis na *internet* demonstram que a estrutura argumental da sentença resulta da associação entre argumentos do verbo e argumentos da construção, fato que explica a presença de um argumento destinatário ao lado dos verbos estudados. Adota-se como referencial teórico a Gramática das Construções (GOLDBERG: 1995, 2006).

PALAVRAS-CHAVE: Transferência; Estrutura Argumental; Gramática das Construções.

ABSTRACT

This paper argues about the status of the construction of transfer in Brazilian Portuguese. Particularly, it is analyzed the occurrence of verbs *cook*, *fry*, *draw*, *paint*, *sing* and *dance* in this kind of construction. Data were extracted from texts available on the internet and show that the argument structure of the sentence results from the association between verb and construction arguments. It explains the existence of a recipient argument along the verbs studied. It is adopted as a theoretical framework of Construction Grammar (Goldberg: 1995, 2006).

KEYWORDS: Transfer; Argument Structure; Construction Grammar.

1. Mestre e doutorando em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras (UFRJ). Bolsista do CNPq – Processo: 140721/2014-2

Introdução

O presente artigo visa a discutir sobre a construção tradicionalmente denominada bitransitiva – referenciada, ao longo do texto, como *construção de transferência* – em dados de uso efetivo do português brasileiro (doravante, PB). Mais especificamente, serão analisadas as ocorrências de seis verbos transitivos – *cozinhar, fritar, desenhar, pintar, cantar e dançar* – em construções de transferência. Esse tipo de dado é geralmente tratado pelas análises tradicionais (e mesmo por algumas abordagens linguísticas) como casos “marginais”, relacionados a idiosincrasias da língua, ou mesmo como uma “questão estilística”. Isso se deve ao fato de, nesses modelos de análise, a estrutura da sentença ser descrita segundo uma perspectiva inteiramente lexical: consideram o verbo como o elemento nuclear da predicação, de maneira que a estrutura argumental desse elemento determina inequivocamente o número de argumentos na sentença; todo e qualquer constituinte que apareça além do número previsto pela predicação verbal terá de ser considerado um adjunto.

Não há qualquer discordância quanto ao fato de o verbo cumprir um papel essencial na configuração sintática da oração; o que se discute, na realidade, é a “exclusividade” dada a esse elemento lexical no que tange à seleção dos constituintes argumentais. Tal exclusividade deixa sem análise um número significativo de ocorrências que podem ser facilmente encontradas nos mais variados contextos comunicativos. Como analisar o constituinte entre colchetes em (01)², se se entende que uma sentença predicada pelo verbo *desenhar* apresentará sempre e em qualquer contexto dois argumentos?

(01) Estilistas portugueses **desenharam** vestido [*para Kate Middleton*]...

A partir dessas questões, formula-se como objetivos deste trabalho: apresentar, descrever e analisar dados do PB atual nos quais verbos de dois lugares ocorram em construções de transferência; sustentar, a partir de uma perspectiva construcional, que o terceiro constituinte que pode aparecer ao lado desses verbos possui estatuto de argumento (e não de adjunto); propor um modelo de análise para esses dados, mostrando que esses dados não constituem exceções e não precisam ser “escondidos” nas descrições linguísticas.

Com essa discussão, pretende-se demonstrar que (i) a organização estrutural e semântica da frase não é determinada apenas pelo verbo predicador, mas também pela construção da estrutura argumental, a partir da combinação entre ambos; (ii) de um padrão construcional geral derivam outros, mais específicos, por meio de extensões metafóricas e polissêmicas; (iii) verbos tradicionalmente

2. As referências dos dados apresentados como exemplos ao longo do texto estão nas referências, ao final do artigo.

caracterizados como transitivos podem figurar em construções de transferência, desde que haja compatibilidade semântica entre verbo e construção; (iv) não se pode arrolar a bitransitividade/construção de transferência a um grupo fechado de verbos, visto que ela representa um padrão construcional produtivo e aplicável a diferentes contextos situacionais. Adota-se, como arcabouço teórico, a perspectiva da gramática das construções (doravante, GC), cujas principais obras de referência são os trabalhos de Goldberg (1995, 2006).

Este artigo encontra-se estruturado da seguinte maneira: após esta introdução, é feita, em (2), uma breve revisão da literatura acerca de alguns tópicos relacionados à configuração estrutural da sentença, presentes nas gramáticas tradicionais e em estudos linguísticos que seguem uma perspectiva lexicalista; em (3), destacam-se os pressupostos da GC relevantes ao tema em discussão; a apresentação, descrição e análise dos dados de verbos transitivos em construções de transferência estão reunidas em (4); os principais aspectos tratados no trabalho são retomados nas considerações finais; as referências teóricas e as fontes dos dados exemplificados aparecem nas referências, que encerram o texto.

O problema da predicação: o verbo como elemento principal

O fenômeno da predicação pode ser entendido, de acordo com Raposo *et al.* (2013, p. 352), como “um modo particular (...) de organizar linguisticamente a informação expressa por uma proposição”. Em outras palavras, o usuário da língua descreve, na predicação, uma determinada situação articulando uma entidade qualquer a um juízo, um comentário sobre essa entidade. Além disso, dentro de toda predicação existe, segundo os autores, um elemento central, em torno do qual toda a frase se organiza; esse elemento, chamado de *predicador*, combina-se com outras entidades de diferentes naturezas, denominadas de *argumentos*. Devido a isso, costuma-se dizer que o predicador seleciona/pede os seus argumentos a fim de lhe completar o sentido e formar uma proposição completa. A essa maneira de interpretar a predicação rotula-se *lexicalista*: toda a configuração sintática da sentença é determinada exclusivamente por um item lexical nuclear, ao qual se relacionam os constituintes de caráter argumental. Os verbos são vistos, dentro dessa ótica, como os itens predicadores por excelência, dadas as suas especificidades morfológicas, sintáticas e semânticas.

É esse o entendimento de muitos autores, quer no âmbito da gramática tradicional, quer no âmbito das descrições linguísticas. Cunha & Cintra (1985, p. 367), por exemplo, afirmam que “o verbo não tem, sintaticamente, uma função que lhe seja *privativa*, pois também o substantivo e o adjetivo podem ser núcleos do predicado. Individualiza-se, no entanto, pela *função obrigatória* de predicado, a

única que desempenha na estrutura oracional.” Sendo assim, ao tomar o verbo como elemento central na predicação, uma análise lexicalista também restringe a esse item outros aspectos relativos à configuração sentencial, como a determinação do número de argumentos selecionados, das funções sintáticas e dos papéis semânticos desempenhados por esses. Nas palavras de Ilari & Basso (2008, p.164):

Pela significação que comporta como unidade lexical, todo verbo proporciona o que poderíamos chamar de “*molde*” ou “*matriz*” para a construção de sentenças. Ao evocarmos a ideia de matriz, queremos aqui ressaltar o fato de que, preenchendo adequadamente certos espaços que são previsíveis a partir do verbo, chegamos a sentenças completas, que caracterizam conceitualmente certos “estados de coisas”, possivelmente reais.

Esse modelo de análise, indubitavelmente, dá conta de um sem número de sentenças em diferentes línguas naturais, dentre elas, o português. É preciso destacar, todavia, que a descrição dos constituintes da oração a partir do verbo aplica-se a *muitos* casos, mas não a *todos* que podem ser encontrados na língua. É o que se pode verificar, por exemplo, diante da dificuldade em determinar com segurança o número exato de argumentos pedidos por alguns verbos e as funções desempenhadas por esses argumentos. Isso porque, frequentemente, classificam-se os verbos predicadores segundo o número de argumentos selecionados. Como seria classificado o verbo *passar*, a partir dos exemplos em (02-05)³?

- (02) Ele *passou* a presidente.
- (03) O caçula *passou* o mais velho.
- (04) A chuva *passou*.
- (05) Maria *passou* as novidades às colegas.

Evidentemente, não seria coerente explicar a existência das quatro configurações sintáticas ilustradas acima defendendo a existência de quatro verbos *passar* em português. Frente a esses casos de não biunivocidade entre verbo e estrutura argumental, os autores procuram justificar dizendo, de maneira geral, que um verbo transitivo, por exemplo, pode apresentar “uso” ou “sentido” intransitivo. É essa a argumentação de Bechara (1978, p. 205): “(...) não podemos, a rigor, falar em verbos intransitivos ou transitivos, mas em emprego intransitivo ou transitivo dos mesmos verbos”. Explicação semelhante é encontrada em Cunha & Cintra (1985, p. 134): “A análise da transitividade verbal é feita de

3. Exemplos extraídos de Bechara (1978, p.205).

acordo com o texto e não isoladamente. O mesmo verbo pode estar empregado ora intransitivamente, ora transitivamente; ora com objeto direto, ora com objeto indireto”.

Essa possibilidade de os verbos se relacionarem com um número “variável” de argumentos a depender do “contexto” também é assinalada no âmbito da linguística descritiva. Raposo *et al.* (2013, p. 361) comentam que “segundo as suas propriedades semânticas e tipo de situação, relação ou propriedade que denota, cada predicador seleciona um determinado número de argumentos”. Ilari e Basso (2008) “resolvem” o impasse defendendo que a presença de um número maior ou menor de argumentos relacionados ao verbo decorre de fatores contextuais e não gramaticais:

(...) é a valência do verbo (...) que estabelece o número de argumentos que estão logicamente presentes no núcleo das sentenças que ele forma. (...) Essa correspondência [*entre valência verbal e o tipo de sentença*] (...) complica-se na prática pela possibilidade (sempre presente na língua) de omitir segmentos que o nosso interlocutor pode recuperar a partir do contexto e, mais geralmente, a partir dos conhecimentos de mundo que ele compartilha com quem fala. Mas, como a valência é uma questão de experiência do mundo, e não de forma gramatical, as eventuais omissões não alteram a valência do verbo.”

(ILARI; BASSO: 2008, p. 201)

Embora todos os autores referidos atentem para a possibilidade de um mesmo verbo predicador aparecer relacionado a um número diferente de argumentos, todos eles apresentam classificações e tipologias oracionais baseadas nas estruturas sintáticas ditas “básicas”, “comuns” ou “frequentes”, deixando à sombra um número significativo de construções que, apesar de “fugirem à regra”, são igualmente básicas, comuns e mesmo frequentes na língua. Sendo assim, a perspectiva lexicalista mostra-se insuficiente para descrever adequadamente os casos em que há mais argumentos na estrutura do que aqueles previstos pelo verbo. Faz-se necessário, então, recorrer a uma abordagem que recubra, além do verbo, a construção na qual esses “argumentos-extras” aparecem.

A configuração estrutural, semântica e funcional da sentença segundo a gramática das construções

Na presente seção, discutem-se algumas premissas gerais que constituem a perspectiva teórica da Gramática das Construções (GC), principalmente aquelas relacionadas às construções de estrutura argumental. De acordo com Ferrari (2011, p. 129),

O paradigma denominado Gramática das Construções propõe que as expressões linguísticas, desde as mais simples até as mais complexas, constituem unidades simbólicas baseadas em correspondências entre forma e significado.

Tal modelo, segundo a mesma autora, decorre da avaliação de alguns estudiosos de que um modelo gramatical pautado em palavras e regras não contempla um subconjunto significativo da linguagem, por este envolver irregularidades. Dessa insuficiência verificada na análise a partir do significado das palavras emerge, como alternativa, um modelo baseado na construção. Assim,

O significado das construções gramaticais passou, desse modo, a ser visto como independente, em parte, das palavras que as constituem. Adota-se um compromisso de generalização que prevê um conjunto de princípios comuns para explicar todas as unidades presentes na composição de uma língua, incluindo som, significado, léxico e gramática.

(FERRARI: 2011, p. 130)

Cumprido esclarecer, então, o que se entende por construção e como ela pode ser entendida como unidade de composição da língua. Transformando em questão: o que é uma construção gramatical segundo a perspectiva da GC?

A noção de construção

Conforme Goldberg (1995), construções são pareamentos entre forma e significado. Mais do que isso, postula-se a existência de uma construção distinta “se uma ou mais de uma de suas propriedades não são predizíveis do conhecimento de outras construções existentes na gramática”, isto é, “se se pode

demonstrar que seu significado e/ou sua forma não é composicionalmente derivado de outras construções existentes na língua” (p. 4). Em outras palavras, todo elemento formal – seja no nível fonológico, lexical, morfológico ou sintático – que se associa diretamente a algum sentido ou função e que não decorre de outras construções preexistentes pode ser entendido como construção. Com isso, a construção é vista como unidade básica da língua, uma vez que tanto um simples morfema quanto um padrão de organização sintática complexo podem ser assim definidos.

Tal afirmação resulta do fato de, em GC, não ser defendida uma separação rigorosa entre léxico e sintaxe. Consoante Goldberg (1995, p. 7):

Construções lexicais e construções sintáticas diferem em complexidade interna, e também na extensão na qual a forma fonológica é especificada, mas ambas as construções são essencialmente do mesmo tipo de estrutura de dados declarativamente representados: ambas pareiam forma com significado.”

Como se pode perceber, a relação entre forma e função/significado consiste em um princípio fundamental. Deste, outros podem ser postulados, como o *Princípio da não-sinonímia*: se duas construções são sintaticamente distintas, então elas devem ser semântica ou pragmaticamente distintas.

Seguindo essas orientações, Goldberg (1995, 2006) analisa várias construções sentenciais da língua inglesa denominadas *construções de estrutura argumental*. Tais construções correspondem a sentenças ordinárias, cuja composição consiste em um verbo e argumentos. Cabe, agora, apresentar como a sentença e seus elementos constituintes são abordados à luz da GC.

O perfilamento e a fusão entre papéis do verbo e da construção

Um ponto decisivo para o entendimento de como a estrutura sintática das sentenças é concebida pela GC é a separação que se faz entre os papéis semânticos do verbo e da construção. De acordo com Goldberg (2006, p. 39),

(...) é importante distinguir entre a moldura semântica associada a um verbo e o conjunto de padrões frasais ou construções da estrutura argumental que estão disponíveis para expressar cláusulas. (...) as entradas nas construções de estrutura argumental são chamadas de papéis argumentais.

Em outras palavras, assim como os verbos predicadores, também as construções de estrutura argumental apresentam papéis semânticos associados a elas, nos termos de Goldberg, *papéis argumentais*, que capturam mais generalizações e que, não raro, correspondem aos papéis temáticos tradicionais (*agente, paciente, tema, locativo, instrumento* etc.). Já os papéis do verbo, chamados de *papéis participantes*, são entidades que fazem parte da estrutura verbal, no que diz respeito à semântica associada ao verbo. Segundo Goldberg, os verbos delimitam sentidos específicos, embora estejam vinculados a uma moldura semântica mais rica; dessa forma, os papéis participantes constituem partes focais da cena representada pela semântica dos verbos e, por isso mesmo, são obrigatoriamente expressos⁴. Cabe ressaltar que a designação dos papéis participantes é altamente convencionalizada e não se altera por conta do contexto no qual o verbo ocorre (GOLDBERG: 1995, p. 44).

Essa obrigatoriedade de realização dos papéis participantes do verbo aparece formalizada como *perfilamento lexical*, designação que serve para indicar quais são os papéis participantes relacionados à semântica do verbo obrigatoriamente acessados e funcionam como os pontos focais de uma dada cena, alcançando um grau de proeminência especial. Goldberg (2006) destaca, ainda, a natureza semântica do perfilamento:

(...) A noção de perfilamento lexical destina-se a ser semântica: é um aspecto estável de um significado da palavra, pode marcar a diferença de significado entre itens lexicais (...). Papéis participantes podem ser altamente específicos e frequentemente são únicos a um significado de um verbo particular; por esse motivo, eles naturalmente capturam restrições de seleção tradicionais”.

(GOLDBERG: 2006, p.39)

Pode-se ilustrar essa noção com os seis verbos do português que constituem objeto de investigação deste artigo – *cozinhar, fritar, desenhar, pintar, cantar e dançar*: em todos eles envolvem, obrigatoriamente, ou seja, perfilam dois papéis participantes, conforme ilustra o Quadro 01. Esses são os papéis participantes associados à moldura semântica dos verbos; a ocorrência de um terceiro elemento na estrutura sintática será uma contribuição da construção com a qual esses verbos podem se fundir como, por exemplo, a construção de transferência (cf. seção 4 deste artigo).

4. Ainda de acordo com Goldberg (2006, p. 39), se um papel participante não é expresso, deverá receber uma interpretação definida.

<i>Verbos</i>	<i>Papéis participantes perfilados</i>
COZINHAR	< cozinheiro , cozinhado >
FRITAR	< quem frita , o que é frito >
DESENHAR	< desenhista , desenho >
PINTAR	< pintor , o que é pintado >
CANTAR	< cantor , canção >
DANÇAR	< quem dança , o que é dançado >

Quadro 01. Verbos analisados e seus papéis participantes

Sendo assim, a configuração da estrutura sentencial é o resultado da fusão entre os papéis participantes do verbo (específicos, obrigatórios, convencionalizados) e os papéis argumentais da construção (mais gerais, possibilidades previstas). Essa fusão, entretanto, não ocorre ao acaso, uma vez que é regulada por princípios gerais, descritos a seguir.

Dois princípios

Ainda que sejam mais gerais, os papéis argumentais das construções não se combinam livremente com qualquer verbo e seus respectivos papéis participantes. Goldberg (2006) apresenta dois princípios gerais que ajudam a compreender as restrições que estão envolvidas na fusão entre papéis do verbo e papéis da construção: o *Princípio da Coerência Semântica* (“*Semantic Coherence Principle*”) e o *Princípio da Correspondência* (“*Correspondence Principle*”).

Goldberg (2006, p. 40) afirma, em relação ao Princípio da Coerência Semântica, que “(...) o papel participante do verbo e o papel argumental da construção devem ser semanticamente compatíveis”. Dessa maneira, o papel participante que apresenta o significado mais específico deve, necessariamente, ser relacionável a uma instância do papel argumental mais geral da construção com a qual o verbo se funde. Assim, pode-se deduzir que, se todos os papéis participantes de um verbo como *fritar* são semanticamente compatíveis com os papéis argumentais da construção de transferência, então é perfeitamente possível que esse verbo ocorra nessa construção (independentemente de ela apresentar um número maior de papéis argumentais em relação aos papéis participantes perfilados pelo verbo, conforme será discutido mais adiante).

O Princípio da Correspondência está articulado, de certa forma, ao princípio anterior, na medida em que postula que “os papéis participantes perfilados do verbo devem ser codificados através dos papéis argumentais perfilados da construção” (GOLDBERG: 2006, p. 40). Na interpretação da autora, a intuição por detrás desse princípio é que os níveis semântico-lexical e discursivo-pragmático geralmente

estão alinhados. Isso significa dizer que os participantes mais relevantes para a semântica do verbo (papéis perfilados) são também os mais relevantes ou importantes para o discurso. Assim, ainda segundo o Princípio da Correspondência, os papéis participantes semanticamente salientes devem ser codificados na sintaxe por relações gramaticais que lhes forneçam certo grau de proeminência discursiva.

Em síntese, pode-se concluir que ambos os princípios que regulam a fusão entre papéis do verbo e da construção são responsáveis, dentre outras coisas, por definir quais são os participantes perfilados que, por essa razão, devem aparecer obrigatoriamente codificados na sentença e, como foi dito, associado a uma relação gramatical proeminente no discurso. Contudo, além dos papéis obrigatórios, há também papéis opcionais, previstos apenas pela construção que, embora não se compatibilizem com um participante perfilado pelo verbo, podem ganhar forma na sentença como uma contribuição da própria construção.

Argumentos do verbo e argumentos da construção

Defender que a construção possui papéis argumentais próprios, distintos dos papéis participantes perfilados pelo verbo, permite reconhecer a existência de quatro possibilidades, a partir da fusão entre verbo e construção, tal como se esquematiza no Quadro 02:

	É papel da construção da estrutura argumental	Não é papel da construção da estrutura argumental
É papel participante perfilado/obrigatório do verbo	(a) ARGUMENTO do verbo e da construção (alinhamento isomórfico entre participante e argumento)	(b) ARGUMENTO fornecido pelo verbo
Não é papel participante perfilado/obrigatório do verbo	(c) ARGUMENTO fornecido pela construção	(d) ADJUNTO (tradicionalmente descrito)

Quadro 02. A combinação entre verbo e construção e o estatuto argumental

(Adaptado de GOLDBERG: 2006, p. 42)

Conforme destacado por Goldberg (2006), os cruzamentos representados em (a) e em (d) constituem casos prototípicos e, por isso mesmo, não geram discordâncias. Uma frase como *Maria cozinhou batatas* ilustra a possibilidade em (a), na qual todos os papéis participantes perfilados pelo verbo *cozinhar* (o “cozinheiro” e o “cozinhado”) alinham-se isomorficamente aos papéis argumentais da construção (nesse caso, **agente** e **paciente** da construção transitiva). Já em uma frase como *Maria*

cozinhou batatas ontem, o constituinte [ontem] representa um adjunto por excelência, como previsto em (d), uma vez que esse elemento não é nem um papel do verbo, nem um papel da construção.

Além dessas possibilidades, há outras duas em que se verifica uma incompatibilidade entre o número de papéis do verbo e da construção. Em (b), tem-se a possibilidade de um papel participante perfilado pelo verbo não encontrar um papel argumental correspondente na construção⁵. Em (c), por outro lado, a construção exibe um papel argumental que não corresponde a nenhum papel obrigatório independente do verbo. É o caso das ocorrências que serão analisadas na próxima seção, nas quais, ao lado dos papéis participantes dos seis verbos já mencionados, aparece um argumento destinatário/ recipiente associado à construção de transferência.

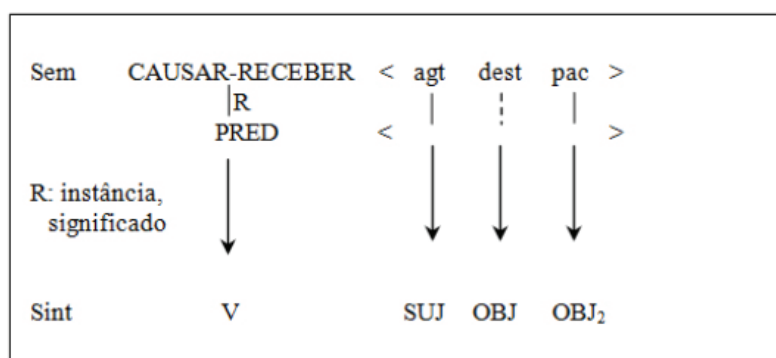
Verbos transitivos em construções de transferência: análise dos dados

Dentre as construções descritas para o inglês, Goldberg (1995, p. 142) destaca as construções bitransitivas como sendo “sintaticamente únicas ao permitir que dois sintagmas nominais não predicativos ocorram imediatamente após o verbo”. A autora argumenta em favor da existência dessa construção para a língua inglesa mostrando que aspectos da sintaxe ou da semântica das expressões bitransitivas não são predizíveis a partir de outras construções preexistentes na gramática. Em uma simples frase, como *Sally baked her sister a cake* (“Sally assou um bolo para sua irmã”⁶), fica evidente o significado de ‘intenção de transferência’ da construção. Uma análise que desconsidere que as construções possuem significado próprio, distinto do significado dos verbos, seria forçada a dizer que *bake* traz em seu significado o aspecto de intenção de transferência (‘X causa Y receber Z ao assar’), o que seria, evidentemente, ilógico.

Diante da evidência apresentada no exemplo anterior, Goldberg (1995) representa a construção bitransitiva da seguinte forma:

5. Goldberg (2006) afirma que, nesse caso, o papel participante é expresso pelo que normalmente se considera um sintagma adjunto. Isso se deve ao fato de, segundo a autora, outras instâncias da mesma construção normalmente funcionarem como adjuntos. Essa discussão não será aprofundada neste trabalho, haja vista que se afasta do interesse central deste artigo.

6. Tradução literal: “Sally assou sua irmã um bolo”.



Esquema 01. Representação da construção bitransitiva no inglês

(Adaptado de GOLDBERG: 1995, p. 142)

Como ilustra o diagrama, a construção bitransitiva associa-se a três papéis argumentais – agente, paciente e destinatário. Os papéis de agente e paciente da construção devem fundir-se aos papéis participantes do verbo (PRED). Essa obrigatoriedade aparece indicada pelas linhas sólidas entre os papéis argumentais de agente e paciente e a matriz de papel participante do predicado. O papel de destinatário pode ser fornecido pela construção e tal possibilidade é assinalada pela linha tracejada entre esse papel argumental e a matriz dos papéis do predicado.

Ainda sobre esse papel argumental da construção bitransitiva, Goldberg (1995) esclarece o porquê de optar pelo rótulo de destinatário⁷ em vez de alvo ou possuidor:

Em vista da restrição anterior – de que este argumento deve ser animado – “destinatário” é claramente mais preciso do que “alvo”. Paralelamente, “destinatário” é preferível a “possuidor” porque muitas das metáforas que envolvem transferência (...) não mapeiam a implicação de que o destinatário realmente possua a entidade transferida depois do recebimento.

(GOLDBERG: 1995, p. 147)

Ainda segundo a autora, esse vínculo que se costuma criar entre destinatário e possuidor decorre do fato de que, geralmente, a entidade recebedora converte-se, após a transferência, em possuidora da entidade transferida; isso não é, contudo, uma exigência da construção, uma vez que a cena de transferência representada não precisa ser, estrito senso, uma transferência de posse. Assim, “Des-

7. Em inglês, “recipient”. Muitos trabalhos em língua portuguesa (cf. FERRARI, 2011) traduzem esse papel argumental como *recipiente*. Neste artigo, opta-se pela tradução de *destinatário*, mais recorrente na literatura linguística em português. Logo, entenda-se *destinatário* como *recipiente*.

crever o primeiro objeto como um ‘destinatário’ em vez de ‘possuidor’ capta mais adequadamente o caráter dinâmico desta semântica” (GOLDBERG: 1995, p.148).

Com base nas generalizações apresentadas para a construção bitransitiva do inglês, cabe agora traçar os principais aspectos dessa construção no português brasileiro.

Construções de transferência no PB

Diferentemente do que se verifica para a língua inglesa, o PB não apresenta, a rigor, uma construção bitransitiva, isto é, com dois argumentos objetos sem preposição. Embora alguns estudos variacionistas (cf. GOMES, 1998) atestem a possibilidade de, em determinadas normas, o segundo objeto do verbo (o objeto indireto) não ser encabeçado por preposição, esse tipo de ocorrência registra baixíssima frequência de uso, de maneira que não parece ser coerente estabelecer uma generalização partindo desses casos⁸. No PB, o argumento destinatário materializa-se, frequentemente, na sintaxe sob a forma de um sintagma preposicionado introduzido pela preposição *para*, como em (06):

(06) João enviou a encomenda [*para* Maria].

Ao reconhecer a complexidade da discussão em torno da configuração sintática das estruturas bitransitivas no PB⁹, será privilegiado, nas análises subseqüentes, o aspecto semântico da construção que, incontestavelmente, representa uma cena de transferência. Diante disso, abordam-se, daqui para frente, essas construções como *construções de transferência*. Além da razão já apresentada, outras duas justificam essa opção. Em primeiro lugar, entende-se que utilizar a mesma nomenclatura adotada para uma estrutura bastante particular do inglês poderia suscitar qualquer confusão que, evidentemente, não se deseja que ocorra. Aliado a isso, acredita-se que uma nomenclatura que privilegie a semântica geral da construção seja mais adequada, tal como se vê para as construções resultativas (LEITE, 2006; ALOIZA, 2009), de movimento causado, de futuro (FERRARI; ALONSO, 2009), de desejo (ALMEIDA, 2008), dentre outras.

8. Segundo Gomes (1998, p. 66), “A variante <0> é mais frequente entre os falantes de escolaridade mais baixa – MBRAL e Primário, 32% e 21%, respectivamente, e decresce nas outras faixas, chegando a 2% entre universitários”. Além disso, “Quanto à possibilidade de ser atribuído estigma à ausência de preposição, não tivemos resultados de uma avaliação direta dos falantes, no entanto é fato que se trata de uma variante evitada por falantes de maior nível de escolaridade”.

9. Para uma discussão acerca do estatuto categorial do argumento preposicionado em sentenças bitransitivas do português, ver Torres Morais (2010).

Após essas considerações teórico-metodológicas, cumpre averiguar se, de fato, existe uma construção de transferência em português brasileiro aos moldes da Gramática das Construções.

Os verbos analisados

Como já foi dito anteriormente, para que se possa considerar a existência efetiva de uma dada construção, é preciso que seu significado não seja predizível por nenhuma de suas partes constituintes. Focalizando especificamente a construção de transferência, faz-se necessário demonstrar que seu significado independe do verbo com o qual se combina. Por essa razão, foram selecionados seis verbos para esse estudo que não trazem em seu conteúdo semântico a noção de transferência. Ao consultar sobre suas acepções no dicionário, observa-se que nenhum dos significados descritos associa-se à noção transferencial. No Quadro 03, transcrevem-se as definições previstas no dicionário Houaiss para o verbo *pintar*, que, dentre os seis analisados, é o que registra maior número de acepções (dezenove):

Pintar

v. (sXIII) **1 t.d.** representar por meio de traços, cores, combinações de cores <p. *uma moça*> <p. *uma paisagem*> **2 t.d.** realizar obra artística de pintura <p. *um quadro*> **3 t.d.** cobrir de figuras ou de combinações de cores por meio da arte da pintura <o *artista pintou a cúpula da igreja*> **4 int.** saber pintar; ter capacidade ou talento para exercer a arte da pintura <*esse artista não engana, ele pinta mesmo*> **5 int.** entregar-se à arte de pintar <*foi um artista que começou a p. cedo*> **6 t.d.** cobrir com uma ou mais camadas de tinta <p. *paredes*> **7 t.d.** tornar colorido; colorir <*os novos jardins pintaram o centro da cidade*> **8 int.** adquirir cor, amadurecimento; começar a tornar-se colorido, maduro <*as goiabas pintaram antes do tempo*> **9 int.** começar a embranquecer; apresentar os primeiros sinais de encanecimento <*os cabelos do irmão mais velho pintaram tardiamente*> **10 t.d.** representar ou descrever com precisão por meio da escrita ou da comunicação oral; escrever, narrar <o *escritor pintou toda a realidade humana daquela aldeia*> **11 t.d.** induzir a logro por meio de artimanhas, de astúcias; burlar **12 int.** começar a aparecer, ger. ao longe <*um barquinho pintou no horizonte*> **13 int. B infm.** surgir mais ou menos ao acaso; aparecer, apresentar-se <*amanhã talvez eu pinte em sua casa*> <*pintou uma oportunidade de trabalho*> **14 int. B infm.** dar indícios de ser ou de vir a ser (bom ou mau); encerrar perspectivas (boas ou más) <*seu novo projeto começou mal, mas o do irmão pinta muito bem*> **15 t.d.pred.** retratar (alguém ou algo) por meio de palavras <*pintam-no tão bonito que todos se impressionam*> **16 t.d. e pron.** aplicar(-se) produtos de cosmética no rosto <o *maquiador pintou o rosto da atriz*> <*pintou-se toda para encontrar o namorado*> **16.1 t.d. e pron.** pintar(-se) qualquer parte do corpo, esp. para fins festivos ou ritualísticos <o *pajé pintou os guerreiros para a cerimônia*> <*os indígenas pintavam-se antes do ritual de sacrifício*> **17 pron.** tornar-se patente; revelar-se <*pintava-se a lascívia em seu olhar*> **18 pron.** transmitir aparência de; parecer <*a garota pinta-se como ótima intérprete*> **19 int.** exceder-se em brincadeiras ou diversões <*os meninos pintavam demais*> □ **p. e bordar infm.** fazer diabruras ou coisas extraordinárias; pintar a manta <*pintou e bordou durante a festa*>

Quadro 03. Definições para o verbo pintar em português

(Fonte: Dicionário Houaiss eletrônico)

A tarefa inicial para este estudo foi, portanto, detectar ocorrências no PB dos verbos *cozinhar*, *fritar*, *desenhar*, *pintar*, *cantar* e *dançar* em construções de transferência, nas quais deveria aparecer, obrigatoriamente, o argumento destinatário associado à construção.

Os dados coletados

Foram levantados, ao todo, 221 ocorrências de construções de transferência envolvendo os seis verbos selecionados para análise. Tais ocorrências foram extraídas de textos de diferentes gêneros disponíveis na *internet* – *blogs*, fóruns de discussão, notícias, páginas de relacionamento etc. – com o auxílio das ferramentas de pesquisa do site *Google*. Dos 221 dados, 47 correspondem ao verbo *cantar* e 44 ao verbo *pintar*. Os verbos *cozinhar* e *desenhar* registraram, cada um, 43 dados. Com menor número de ocorrências, aparecem os verbos *dançar* e *fritar* com, respectivamente, 26 e 18 dados. Em (07-18), exibem-se duas ocorrências de cada verbo presentes no *corpus*. O verbo analisado aparece em negrito e o argumento destinatário, entre colchetes e em itálico:

(07) “Cool! Alex Ross **desenha** novas capas [*pro Homem-Aranha e Hulk*]”

(08) “Ah o nosso uniforme a Jéssica **desenhou** [*pra gente*], mas ainda não deu tempo de produziir, por causa da correria.”

(09) “25.11 > Jantar italiano

Cozinhei [*pra as novas amizades do lado daqui*], polenta com caramão ao molho de alho e pimenta ao forno + aspargos a parmigiana. Com direito a bolo red velvet da Maricota :) Ah, e depois de tudo isso, ainda recebi ligação da festa paralela da família no Brasil com direito a vela e tudo mais, ahhh se eu não tenho a família mais linda do mundo!”

(10) “Para fazer deste encontro um jantar saudável e saboroso, **cozinhei** [*para nós*] uma Lasanha de Abobrinha à Bolonhesa, segue a receita mais fácil que existe”

(11) “Tela Copo de leite!!!..... Essa tela eu **pintei** [*para a minha mãe*] a alguns anos , esses dias eu estive lá e resolvi fotografar para colocar aqui no blog!!!.....”

(12) “Esse sol reluzente eu **pintei** [*pra minha amiga Rute Mioto*], está no escritório dela”

(13) “**dancei** a dança do vampiro [*pros repórteres*]. kkkk, esse dia foi muito loko”

(14) “Filhos **dançam** coreografia especial [*para as mães*] no Morro do Pavão Pavãozinho”

(15) “Andei só pela noite, **cantei** um reggae [*pro cachorros da rua*]!”

(16) “Victor sentava-se no sofá, tocava e **cantava** “Você é Linda”, do Caetano Veloso, [*para a mamãe*].”

(17) “Amiga,

hoje na hora do almoço **fritei** batata [*p/ o meu filho*] e falei com ele sobre a sua batata chips, ele ficou animando, é um rapaz de 19 anos pra mim é como se fosse uma criança, rsrs.

Fiquei encantada com essa tortilha, ficou linda imagino o sabor, uma delícia!

A bonequinha na mesa é cute cute!”

(18) “Mariana! Nossa como você está pálida. Chegando em Dublin vou cuidar da sua alimentação, **fritarei** uns nuggets [*pra você*]. – Rubinho”

Por meio desses exemplos, ilustrativos do *corpus* selecionado para análise, confirma-se a existência da construção de transferência no PB, que possui significado próprio e distinto do significado do verbo predicador. Os constituintes destacados entre colchetes correspondem, claramente, a uma contribuição da construção, uma vez que não são perfilados por esses verbos; dito de outra maneira, nenhum aspecto semântico dos verbos em questão prevê uma entidade para a qual se destina a ação expressa.

É nesse sentido que Ferrari (2011, p. 137) avalia o modelo construcional como econômico semanticamente falando, visto que “(...) não é necessário estabelecer uma proliferação de sentidos verbais para explicar a diferença entre as construções (...). Postula-se que o verbo mantém o mesmo sentido em todas as construções, e a diferença de significado resulta de semânticas construcionais distintas (...)”. Faz-se necessário explicar, então, por que verbos que não trazem em seu significado nenhuma noção de transferência podem ocorrer em construções que denotam transferência.

Em consonância com Goldberg (1995, 2006), a construção de transferência codifica o que se pode chamar de uma *cena humanamente relevante* à experiência humana. É o que postula a *Hipótese da codificação de cena* (“*Scene Encoding Hypothesis*”): “Construções que correspondem a tipos sentenciais básicos codificam como seus significados centrais tipos de evento que são básicos para a experiência humana.” (GOLDBERG: 1995, p. 39). Sendo assim, pode-se dizer que a cena de transferência constitui uma situação básica da experiência do homem com o meio e, a partir dessa cena transferencial, mais ampla, outros eventos podem ser codificados por meio da construção de transferência através de extensões metafóricas.

Relacionando a teoria aos dados, é possível afirmar que os seis verbos em discussão são compatíveis com a construção de transferência na medida em que respondem positivamente às restrições da mesma. Um aspecto comum a esses verbos parece ser decisivo para que eles ocorram na construção transferencial: todos eles exprimem ações executadas por um agente volitivo; além disso, o produto dessas ações (ou as ações em si mesmas) pode ser interpretado como sendo executado em prol de alguém. Portanto, tem-se, nesses casos, a metáfora “Ações executadas em prol de alguém são objetos transferidos para alguém”, que constitui uma extensão semântica da construção prototípica de transferência (X FAZ Y RECEBER Z). Ilustra-se essa afirmação com outros exemplos do *corpus*:

(19) “Esta fronha **pintei** [*para meu sobrinho*]”

(20) “Penso em fazer um pássaro com um símbolo Maori no peito; já tenho o desenho, inclusive, minha amiga **desenhou** [*pra mim*]. Acho que este é o momento ideal. :)”

(21) “MINHA RA (reeducação alimentar): ontem durante o dia fui uma lady, mas a noite **cozinhei** [*para amigos*], frango com catupiry, que, diga-se de passagem, é de comer lambendo os beiços, huahuahua, um dia fotografo e coloco a receita para vocês + arroz branco + lombinho suíno assado, hummm + sobremesa.”

(22) “Eu tbm tenho trauma. Uma vez minha mae **fritou** [*pra mim*] um ovo pra por no meio do pao, mordi e senti algo estranho”

(23) “sonhei que um rapaz **cantou** uma música [*para mim*] depois cantei para ele”

(24) “Salomé foi uma linda princesa, enteada do rei Herodes. Obcecado por ela, via implorando-lhe que dançasse para ele, mas Salomé era apaixonada pelo profeta João Batista. O profeta no entanto, era um homem de Deus e evitava olhá-la para não cair em tentação. A princesa foi persuadida por sua mãe a se vingar e **dançou** a Dança dos Sete Véus [*para o rei*], que enlouquecido de paixão disse a ela que pediu o que quisesse”.

Em (19-22), é muito evidente a presença da metáfora mencionada no parágrafo anterior: as ações de pintar a fronha, desenhar o desenho (da tatuagem), cozinhar frango com catupirí (prato) e fritar um ovo são interpretadas, por extensão metafórica, na construção de transferência, como fazer o destinatário receber uma fronha pintada, uma tatuagem desenhada, um prato “cozinhado” e um ovo frito. Todas essas são ações que podem ser executadas em benefício de alguém¹⁰ e geram “produtos” que podem ser transferidos. Em (23-24) a presença da metáfora é mais latente, visto que não há, de fato, um objeto a ser transferido; é a própria ação de cantar uma música e de dançar a Dança dos Sete Véus que se transfere para a percepção (auditiva ou visual) do destinatário.

Forma sentencial e estatuto informacional

Em sequência à apreciação geral das construções de transferência no PB, exploram-se agora certos aspectos observados no *corpus* em análise. Serão destacados (i) a ordem dos argumentos na construção, (ii) a combinação entre construção de transferência e outras construções e (iii) o obscurecimento do argumento tema. Adota-se, por hipótese, que essas diferenças manifestas na forma sentencial da construção de transferência são reflexos do estatuto informacional dos argumentos.

Cumpra, então, antes de prosseguir, definir claramente o que se entende por estatuto informacional. De acordo com Pezatti (2011, p. 180), “o estatuto informacional da sentença ou dadidade é uma forma de empacotamento¹¹ da mensagem, sendo fundamentalmente uma questão de crença do falante presumir que determinado item está ou não na consciência do ouvinte”. Dessa maneira, seria possível falar em *informação velha* ou *dado versus informação nova* ou *novo*; segundo Chafe (1976 *apud* PEZATTI: 2011, p.180), é dado ou informação velha “o conhecimento que o falante assume estar na

10. Isso explica o porquê de muitos estudiosos analisarem o terceiro elemento como adjunto, haja vista que privilegiam o aspecto semântico de beneficiário, desconsiderando a noção de transferência que subjaz a construção.

11. Empacotamento (*packaging*) da mensagem, como explica a mesma autora, nos termos de Chafe (1976).

consciência do ouvinte no momento da enunciação”, ao passo que é novo ou informação nova “a informação que o falante acredita estar introduzindo na consciência do ouvinte com o que diz”.

Fazem parte, ainda, do conceito de estatuto informacional as noções de *tópico* e *foco*, definidas por Lambrecht (1994 *apud* LEINO: 2013, p. 338): a primeira seria “aquilo que está em causa na sentença”, enquanto a última seria “o componente semântico de uma proposição pragmaticamente estruturada em que a afirmação difere da pressuposição”. É lícito, pois, correlacionar o tópico ao dado ou informação velha, e o foco ao novo ou informação nova.

No âmbito da GC, Goldberg (2006) apresenta, em relação à estrutura informacional da sentença, além do tópico e foco (*focus domain*), uma terceira noção a que denomina *elemento de fundo* (“*backgrounded elements*”). São, no entendimento da autora, elementos de fundo aqueles que não são parte nem do tópico nem do domínio de foco. Essa terceira noção é importante na medida em que recobre o argumento destinatário das construções bitransitivas em inglês: o argumento agente corresponde ao tópico (primário); o argumento tema, ao foco/novo; e o argumento destinatário, ao elemento de fundo (ou tópico secundário):

Bitransitiva:	Suj	V	Obj ₁	Obj ₂
	agente		destinatário	tema
	tópico		tópico secundário	novo/acessível

Esquema 02. O estatuto informacional dos argumentos da construção bitransitiva

(Adaptado de GOLDBERG: 2006, p. 138)

Como já foi dito em seções precedentes, a construção bitransitiva não é, grosso modo, o esquema principal de codificação da cena de transferência em PB. Faz-se necessário descrever, portanto, como o estatuto informacional se apresenta nas construções de transferência do PB.

A ordem dos argumentos

De imediato, constata-se que a forma sentencial SUJ–V–OD–OI, com os argumentos dispostos nessa ordem, não foi o padrão construcional mais frequente nos dados analisados: de 221 ocorrências, apenas 35 registram tal forma, 20 delas com o verbo *dançar*. Construções com os verbos *pintar* e *cozinhar* não computaram uma única ocorrência sob essa forma. Abaixo, exemplos dos dados com o verbo *dançar*:

(25) “Tu já **dançou** o Lepo Lepo [*pro teu gato*]? Não? Então te joga!”

(26) “Fui lá com a Natália, polonesa que era minha flatmate em Istambul. Sentamos e fomos muito bem recebidas. O senhor que estava servindo posou pra foto, nos cobriu com um xale cada uma, **dançou** samba [*pra mim*] e me chamou pra dançar uma música turca. Tudo isso ali, na caçamba do caminhão.”

(27) “Mirella Santos comemorou nesse sábado (18) seu aniversário de 30 anos. A apresentadora recebeu os convidados em sua casa no Brooklin, bairro nobre de São Paulo. (...) Estavam na festa Rodrigo Scarpa (Repórter Vesgo), Márvio Lúcio (Carioca) e Evandro Santo, que se animou e **dançou** o ‘Quadrado de Oito’ [*para as câmeras*].”

A forma sentencial SUJ–V–OI–OD, ou seja, com o argumento destinatário adjacente ao verbo, contabilizou 45 dados, sendo 27 destes com o verbo *cozinhar*. Diferentemente do padrão anterior, computaram-se ao menos 2 ocorrências dessa forma sentencial para cada verbo analisado. Exemplos dos dados com o verbo *cozinhar*:

(28) “Eu **cozinhei** [*pra eles*] uma legítima feijoada do Brasil e ficou uma DELICIA! Eles adoraram e querem comer denovo, hihihih”

(29) “Hoje **cozinhei** [*para a nega*] vieiras com risoto de alho-poró e lascas de parmesão. Mas ela não virou fã do molusco como eu”

(30) “Transbordando amor, ela **cozinhou** [*para nós*] um ensopado de grão de bico com leite de coco, com apoio dos gsas 2014 Clara Cecília Seguro e Fernando Campos. Nem preciso dizer que ficou uma ES-PE-TA-CU-LAR!”

Ainda em relação à ordem dos argumentos, registraram-se 7 ocorrências de OD topicalizado, isto é, construções em que o argumento tema aparece deslocado à esquerda, como mostram os exemplos:

(31) “Ah [o nosso uniforme] a Jéssica **desenhou** [*pra gente*], mas ainda não deu tempo de produziir, por causa da correria.”

(32) “Levei os salgados da minha lanchonete favorita, [os fritos] o pessoal do buffet **fritou** [*para mim*] lá na hora e foram servidos quentinhos.”

(33) “[Esse sol reluzente] eu **pintei** [*pra minha amiga Rute Miotto*], está no escritório dela”

(34) “Tela Copo de leite!!!..... [Essa tela] eu **pintei** [*para a minha mãe*] a alguns anos, esses dias eu estive lá e resolvi fotografar para colocar aqui no blog!!!.....”

Analisa-se essas ocorrências segundo o Princípio da não-sinonímia, ou seja, diferenças na configuração sintática das construções indicam diferenças ou no nível semântico ou no nível pragmático. Sabe-se que a margem esquerda da sentença é o lugar da informação velha e a margem direita, o lugar da informação nova (PEZATTI, 2011); sendo assim, propõe-se que em construções como em (25-27) o foco é colocado sobre o argumento destinatário. Dito de outra maneira, o usuário da língua julga ser informação nova, relevante ou mesmo de maior importância a entidade codificada no argumento destinatário e, por isso mesmo, ele aparece na extremidade direita da construção. Em contrapartida, nas construções como em (28-30), o argumento tema é que traz a entidade mais relevante ou de maior importância; nesse caso, este argumento é colocado à margem direita da construção e o argumento destinatário passa a fundo (ou segundo tópico, nos termos de Goldberg). Já nas construções de (31-34), em que argumento tema aparece deslocado à margem esquerda, sendo considerado pelo falante informação velha – inferível contextualmente ou presente no cotexto – e constituindo, assim, o tópico, aquilo sobre o qual será dada alguma informação nova.

Esta proposta de análise permite que sejam feitas duas generalizações. A primeira, quanto ao argumento tema, que, nos dados do PB, pode aparecer como tópico, fundo ou foco da informação sentencial. A segunda, quanto ao argumento destinatário, que, nos mesmos dados, nunca aparece como tópico da informação sentencial, figurando, portanto, ora como foco, ora como fundo.

Combinação de construções

Sabe-se que “construções podem combinar-se livremente para formar expressões reais, desde que não estejam em conflito” (GOLDBERG: 2003, p. 221). Mais do que isso, “uma expressão real tipicamente envolve a combinação de muitas construções diferentes” (GOLDBERG, 2006, p. 21). Dessa maneira,

verifica-se que muitas das construções de transferência coletadas de textos disponíveis na *internet* aparecem combinadas a outras construções. Dentre elas, destacam-se as *construções clivadas* (cf. BRAGA, 2009¹²) e as construções relativas. Dos 221 dados recolhidos, 91 correspondem a uma combinação entre a construção de transferência e uma construção clivada/relativa.

A Clivagem, de acordo com Pezatti (2012, p. 74), “serve para salientar um elemento particular da sentença e, muito frequentemente, dirigir a atenção para ele, colocá-lo em foco e marcar um contraste”. O elemento particular da construção de transferência que apareceu salientado no *corpus* foi o argumento tema. Analisem-se os seguintes dados:

(35) “Bom....este {é [o quarto] que} eu mesma **pintei** [*para meu filhote*]...”

(36) “Como vocês já devem ter percebido pela quantidade de posts, amo costelinha de porco! Aqui vai uma receita bem clássica, o confit. Pra dar uma abasileirada, resolvi servir com farofa de banana e couve refogada. Ficou uma delícia. Resolvi postar hoje pois é aniversário de um grande amigo, e, segundo ele, esse {é [o melhor prato] que} eu já **cozinhei** [*pra ele*].”

(37) “Leonardo então revelou que Não Aprendi Dizer Adeus {foi [a última música] que} o irmão **cantou** [*para ele*].”

A combinação da construção clivada à construção de transferência, nesses dados, não ocorre ao acaso. Mais uma vez, propõe-se que essa combinação resulta de uma motivação discursivo-pragmática. Conforme afirma Longhin (1999 *apud* PEZATTI: 2012, p. 74), a construção clivada

(...) separa explicitamente os elementos oracionais de diferentes níveis de informação, permitindo aos usuários da língua estratégias de realce ou de focalização de partes de informação avaliadas por eles como mais importantes ou significativas no momento da interação.

12. Em seu artigo, Braga (2009) delimita sete tipos distintos de construções clivadas, agrupadas em duas “famílias”: na primeira, constam a Construção Clivada propriamente dita, a Construção É QUE e a Construção QUE; na segunda, figuram a Construção Pseudoclivada, Pseudo Clivada Invertida, Pseudo Clivada Extraposta e ainda a Construção Foco Ser. Descrever e analisar tais construções em detalhes, obviamente, extrapolaria os limites deste trabalho.

Assim, é como se o usuário da língua julgasse importante destacar o argumento tema da construção de transferência por entender que o objeto transferido é igualmente relevante (ou mesmo, mais relevante) do que o destinatário “recedor” desse objeto. Com isso, pode-se dizer que o quarto pintado, o prato “cozinhado” e a última música cantada são destacados nos exemplos anteriores pela construção clivada por serem elementos de importância (na perspectiva do falante) dentro da informação veiculada no discurso.

Raciocínio semelhante pode ser aplicado aos dados em que a construção transferencial aparece combinada à construção relativa, tais como os apresentados a seguir:

(38) “[Bolsa] que **pintei** [*para minha filha*]... Não sei pintar, nunca fiz curso de pintura... mas gosto de dar minhas pinceladas, rrsrrsrs... Mas, um dia eu aprendo!!!”

(39) “Pai olha [o coração] que eu **desenhei** [*pra você*]”

(40) “Alguém sabe o nome d[a música indiana] que a Maya **dançava** [*para o Raj*] na novela caminho das índias?”

(41) “Ela se defende exibindo uma caixa de objetos que guardou porque cada um deles dizia algo sobre Ross. Um deles é a casca d[o primeiro ovo] que ele **fritou** [*para ela*], gesto carinhoso que ela valorizou.”

Embora não se trate, obviamente, de um caso de clivagem, percebe-se que o esquema construcional da relativa, ao colocar o argumento tema da construção de transferência como SN antecedente confere-lhe uma espécie de “saliência discursiva”, isto é, realça-o como uma informação de destaque¹³.

O obscurecimento do argumento tema

Além das diferenças de ordem na forma sentencial e das combinações com outras construções, outro fator que chamou a atenção no *corpus* selecionado para análise foi o obscurecimento do argumento tema nas construções de transferência, como se vê nos exemplos:

13. Ao mesmo tempo em que funciona como tópico da sentença.

(42) “Em 1997, Fafá de Belém **cantou** [*para João Paulo II*], em missa no estádio do Maracanã, durante o Segundo Encontro Mundial do Papa com as Famílias”

(43) “O cantor Pablo a voz romântica **cantou** [*para 50 mil pessoas*] no show na 09 Oktober Fest Bahia 2013 realizada em feira de santana localizada a 140 km de Salvador.”

Adota-se o termo ‘obscurecimento’, em vez do rótulo mais corriqueiro de ‘apagamento’, pois se deseja evitar aqui a interpretação de um elemento preexistente que é apagado. Defende-se que o argumento tema é perfilado pela construção, porém não chega a ganhar forma na sentença. Retornando aos dados, podem-se apontar algumas motivações sintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas que influenciam no obscurecimento do argumento tema das construções de transferência no PB:

a) *A combinação da construção transferencial com a construção coordenada:*

(44) “Escolha sua escultura e **pintamos** [*pra você!*]”

(45) “Essa semana, sem ter muito que criar, peguei 6 ovinhos de codorna e **cozinhei** [*pra minha filha faminta*].”

b) *A inferência do argumento tema a partir do significado do verbo:*

(46) “Paula Fernandes: ‘já **cantei** [*para duas pessoas*] em bar”

(47) “Guadalupe Mendonça conversou com o Terra e contou que esteve com o marido em seus momentos finais. ‘**Cantei** [*para ele*] até os últimos minutos”

c) *A inferência do argumento tema a partir do contexto situacional:*

(48) “Só que eu meio bodiei de deixar um pedacinho do rim cada vez que queria tingir o cabelo, então fui atrás da tinta e decidi eu mesma tingir sozinha em casa, haha. Até então minha mãe **pintava** [*pra mim*], só que ela mora um pouquinho longe, haha”.

(49) “fui no supermercado BARBOSA e comprei 10 hamburger aurora no valor de 0,39 centavos nossa achei que tinha feito um ótimo negócio, mas quando cheguei em casa qual não foi minha surpresa tds estão estragado de cor esverdeada mas o prazo de validade é de 05/02/2014 pois só descobri depois que **fritei** [*pra minha filha*] vcs tem no~ção da gravidade da coisa”

Nos exemplos em (44-45), objeto de pintura só pode ser a escultura a ser escolhida, assim como o alimento “cozinhado” só pode ser os 6 ovinhos de codorna. O argumento tema é obscurecido nesses casos porque a entidade a que se refere é dada na sentença imediatamente anterior, que se coordena com a sentença do verbo em análise. É, portanto, uma restrição da construção coordenada que motiva o obscurecimento. Em (46-47), o argumento tema é inferido pelo significado do verbo cantar; logo, Paula Fernandes e Guadalupe Mendonça só poderiam ter cantado músicas. Já em (48-49), infere-se pelo contexto que o cabelo era pintado e que os hambúrgueres estragados foram fritos, respectivamente; as entidades a que se referem os argumentos temas dos verbos estão dadas no contexto e são facilmente recuperáveis, o que motiva o obscurecimento dos mesmos junto aos verbos.

O obscurecimento de argumentos perfilados pelos verbos nas construções e suas motivações, especialmente aquelas expressas em (b) e (c), já foram, de certa maneira, discutidas por estudos de orientação construcional, dentre os quais se destaca o trabalho de Goldberg (2005). No referido trabalho, a autora trata especificamente do Princípio de realização argumental em interação com fatores de ordem semântica e discursivo-pragmática. Aborda-se a questão de construções com temas implícitos e Goldberg reconhece que o significado do verbo bem como a recuperação semântica dos referentes podem ser decisivos para a omissão de argumentos.

Goldberg (2005) postula, então, a existência de construções específicas, responsáveis pelo obscurecimento de argumentos:

(...) a Construção de Objeto Desperfilado [*Deprofiled Object Construction*] é motivada pela ideia de que os argumentos que não são proeminentes no discurso não precisam ser expressos. A Construção de Tema Implícito é motivada por fatores de previsibilidade semântica e polidez. Portanto, estas construções servem para funções comunicativas claras, isto é, sua existência é motivada e não arbitrária ou *ad hoc*.

(GOLDBERG: 2005, p. 38)

Um último exemplo deve ser dado para fechar esta subseção (e a análise). Uma forte motivação para o obscurecimento do argumento tema nos dados de construções de transferência levantados foi também a presença da linguagem não verbal. Não raro, o argumento tema aparecia expresso no contexto através de uma imagem, fato que motivou seu obscurecimento no texto:

(50)



coisadake1.blogspot.com.br/2011/02/pintei-para-o-pedro.html

COISAS DA KÉL

DOMINGO, 6 DE FEVEREIRO DE 2011

Pintei para o Pedro

Fazia tempo que eu não pintava nada, a mão estava bem lenta, escolhi esse risco bem simples de flores, pássaros e árvores e aquarelei. Ainda faltam outras peças, um porta fraldas e um cestinho que quando ficarem prontos venho mostrar. Quando passarem aqui, deixem suas opiniões. Beijos.

Considerações finais

A guisa de conclusão, retoma-se a premissa central deste trabalho de que a configuração sentencial não é delineada exclusivamente pelo significado do verbo predicador – como é assumido dentro das perspectivas lexicalistas – mas sim pela compatibilização entre o verbo e a construção da estrutura argumental. Isso pode ser comprovado a partir dos casos em que aparecem na estrutura sintática mais argumentos do que o número previsto na predicação do verbo, como foi visto, ao longo deste artigo, com os verbos *cozinhar*, *fritar*, *desenhar* e *pintar* associados à construção de transferência. Nos 221

dados do PB coletados na *internet* havia a presença de um argumento destinatário, impossível de ser associado a qualquer aspecto semântico dos verbos em causa, visto que ele era, na realidade, uma contribuição da construção transferencial.

Dessa maneira, o modelo teórico da Gramática das Construções mostrou-se pertinente à análise dos dados, uma vez que, ao considerar que as construções das línguas gozam de significação própria, distinta do significado das unidades lexicais, foi possível explicar os referidos dados, evitando que os mesmos fossem considerados “exceções”, “particularidades” ou “idiossincrasias” que, em verdade, não o são. Além disso, destacou-se a cena de transferência como um tipo de evento relevante à experiência humana que é codificado em um padrão construcional geral. Com isso, verificou-se que não parece ser apropriado estabelecer uma relação estreita entre a bitransitividade/noção de transferência e uma classe fechada de verbos, pois, havendo compatibilidade semântica, um verbo comumente analisado como intransitivo ou transitivo pode ocorrer na construção de transferência em diferentes contextos situacionais.

Por fim, verificou-se que tanto argumentos da sentença quanto construções estão sujeitos a influências dos níveis discursivo e pragmático. Fatores relativos ao estatuto informacional, dado e novo, tópico e foco, dentre outros, atuam ativamente na configuração sintática da sentença acarretando, no caso da construção de transferência, ordens diferentes dos argumentos, combinação entre construções e mesmo o obscurecimento de argumentos menos relevantes/salientes discursivamente.

Este trabalho almeja ser uma modesta contribuição para os estudos da construção de transferência/bitransitividade, haja vista que essa é a construção menos estudada do PB no âmbito da Gramática das Construções. Espera-se que outras análises e descrições venham somar-se a essa para que se possa conhecer melhor esse complexo e produtivo esquema construcional.

Artigo recebido: 29/09/2014

Artigo aceito: 10/12/2014

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão. “As construções de desejo em português”. *Revista de estudos da linguagem*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, jan./jun. 2008, p. 141-156.

ALOIZA, Adriana Guimarães. *As construções resultativas com deixar em textos jornalísticos brasileiros*. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2009. Dissertação de Mestrado.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

BRAGA, Maria Luiza. “Construções Clivadas no português do Brasil sob uma abordagem funcionalista”. *Matraga* 16, rio de janeiro, n. 24, jan./jun. 2009, p. 173-196.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FERRARI, Lilian Vieira; ALONSO, Karen Sampaio Braga. “Subjetividade e construções de futuro no português brasileiro”. *Alfa*, São Paulo, 53 (1) 2009, p. 223-241.

FERRARI, Lilian. “Gramática das Construções”. In: _____. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 129-146.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. New York: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, Adele E. “Argument realization: the role of constructions, lexical, semantics and discourse factors”. In.: ÖSTMAN, Jan-Ola & FRIED, Mirjam (eds.). *Construction Grammars: Cognitive grounding and theoretical extensions*. John Benjamins Publishing Company, 2005, p. 17-43.

GOLDBERG, Adele E. “Constructions: a new theoretical approach to language”. *TRENDS in Cognitive Sciences*, vol. 7, n. 5, May 2003, p. 219-224.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOMES, Christina A. “Efeito funcional no uso variável de preposição”. *Revista de estudos da linguagem*, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, jul./dez. 1998, p. 61-70.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*, v. 3.0, 2009 (CD-ROM)

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato M. “O verbo”. In: ILARI, R.; NEVES, M. H. de M. (orgs.) *Gramática do Português culto falado no Brasil*. Vol. 2. Classes de palavras e processos de construção. Coord. Ataliba T. de Castilho. São Paulo: Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

LEINO, Jaakko. “Information Structure”. In.: TROUSDALE, Graeme. & HOFFMANN, Thomas. (eds.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford University Press, 2013, p. 329-344.

LEITE, Marcelo A. RESULTATIVIDADE: *Um estudo das construções resultativas em Português*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006. Tese de doutorado em Língua Portuguesa.

PEZATTI, Erotilde Goreti. “Clivagem e construções similares: contraste, foco e ênfase”. *Linguística* 28, dezembro 2012, p. 73-98.

_____. “O Funcionalismo em linguística”. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina (orgs.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*, vol. 3. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 165-217.

RAPOSO, Eduardo. B. P. *et al.* (orgs.) *Gramática do Português*. Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

TORRES MORAIS, Maria Aparecida. Conversando sobre o objeto indireto nulo no português brasileiro. In: *Estudos da Língua(gem)* 8. Vitória da Conquista, n.1, 2010, p.171-185.

Referências dos exemplos

- (01) <<http://betweenvioletandred.blogspot.com.br/2011/04/estilistas-portugueses-desenharam.html>>
- (07) <<http://www.entretenimentoacido.com.br/livros-e-hqs/cool-alex-ross-desenha-novas-capas-pro-homem-aranha-e-hulk/>>
- (08) <http://www.jornalistadesaia.com/2012/09/whats-been-going-on_14.html>
- (09) <<http://larajacoskiblog.tumblr.com/post/1728624429/o-primeiro-aniversario-longe-de-casa>>
- (10) <<http://chateaudejane.blogspot.com.br/2013/06/a-melhor-terapia-do-mundo-um-jantar.html>>
- (11) <<http://artesanatosdabel.blogspot.com.br/2011/04/tela-copo-de-leite-essa-tela-eu-pintei.html>>
- (12) <<http://www.vibeflog.com/pinturaemtela/p/2174073>>
- (13) <<http://serraloko.tumblr.com/post/29649427851/dancei-a-danca-do-vampiro-pros-reporteres-kkkk>>
- (14) <<http://radioitaperunafm.com/site/2013/05/12/filhos-dancam-coreografia-especial-para-as-maes-no-morro-do-pavao-pavaozinho/>>
- (15) <<http://www.fotolog.com/bianoturbo/28647018/>>
- (16) <<http://lucianasabbag.wordpress.com/2009/10/17/quando-crescer-vou-casar-com-voce/>>
- (17) <<http://www.viveraprendendo.com/2012/06/tortilha-de-batata-chips.html>>
- (18) <<http://tonazoropa.blogspot.com.br/2013/12/trip-londres.html>>
- (19) <<http://pinturasdalublogspot.com.br/2010/08/esta-fronha-pintei-para-meu-sobrinho.html>>
- (20) <<http://www.marimoon.com.br/promocao-dia-dos-namorados-para-solteiros/>>
- (21) <<http://www.vitrineaugustaemagrecendo.com/2011/06/mais-uma-dica-que-funcionou-para-meu.html>>
- (22) <<https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20100804201608AAei1ig>>
- (23) <<http://www.sonhos.co/sonhar/sonhei%20que%20um%20rapaz%20cantou%20uma%20m%C3%BAsica%20para%20mim%20depois%20cantei%20para%20ele>>

- (24) <<http://www.grandedeusa.com.br/curiosidades.htm> >
- (25) <<https://www.sexshopotpepper.com.br/calcinha-lepo-lepo>>
- (26) <<http://caminhodocha.com/2013/11/12/a-casa-de-cha-caminhao/>>
- (27) <<http://www.bahianoticias.com.br/holofote/noticia/29993-sabrina-sato-aparece-pela-primeira-vez-em-publico-com-ex-de-cleo-pires.html>>
- (28) <<http://diariodainterembista.wordpress.com/>>
- (29) <<https://www.flickr.com/photos/theгуiza/5786874475/>>
- (30) <<http://institutoelos.org/retomada-dos-banquetes/#.U6BkOvldVoY>>
- (31) <http://www.jornalistadesaia.com/2012/09/whats-been-going-on_14.html>
- (32) <<http://maesefesteiras.blogspot.com.br/2013/09/a-festa-no-buffet-reflexoes-de-uma.html>>
- (33) <<http://www.vibeflog.com/pinturaemtela/p/2174073>>
- (34) <<http://artesanatosdabel.blogspot.com.br/2011/04/tela-copo-de-leite-essa-tela-eu-pintei.html>>
- (35) <<http://anabelezoca.blogspot.com.br/2011/06/bomeste-e-o-quarto-que-eu-mesma-pintei.html>>
- (36) <<http://moldandoafeto.com/confit-de-costela-com-farofa-de-banana-e-amendoas/>>
- (37) <<http://fmcapital.com.br/portal/news/ent/8470-leonardo-revela-a-ultima-musica-que-leandro-cantou-para-ele.html>>
- (38) <<http://luharteira.blogspot.com.br/2011/02/bolsa-que-pintei-para-minha-filha.html>>
- (39) <<http://4memes.blogspot.com.br/2011/08/pai-olha-o-coracao-que-eu-desenhei-pra.html>>
- (40) <<https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20091009112605AAFC7nV>>
- (41) <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/eq0103201101.htm>>
- (42) <<http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2013/07/fafa-de-belem-ja-cantou-para-bento-xvi-e-joao-paulo-ii-quando-quebrou-o-protocolo.html>>
- (43) <<http://pabloavozromantica.com.br/2013/10/pablo-a-voz-romantica-cantou-para-50-mil-pessoas-oktober-fest-bahia-2013/>>
- (44) <<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.597192183674359.1073741850.506765489383696&type=1>>
- (45) <<http://muiedomeidomato.wordpress.com/2013/08/17/desafio-na-pia-da-cozinha/>>

(46) <<http://tvuol.uol.com.br/video/paula-fernandes-ja-cantei-para-duas-pessoas-em-bar-0402CD9B346CC0C94326>>

(47) <<http://diversao.terra.com.br/gente/cantei-para-ele-ate-os-ultimos-minutos-diz-mulher-de-dominguinhos,6c35fb7d7ed00410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>>

(48) <<http://larissacoutinho.com.br/blog/tag/videos-2/>>

(49) <<http://www.reclameaqui.com.br/7573705/aurora-alimentos/estragado/>>

(50) <<http://coisadakil.blogspot.com.br/2011/02/pintei-para-o-pedro.html>>